

## A relação entre o *ónoma* e o *logos* no *Crátilo* de Platão

Ivanaldo Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo apresentar e analisar a relação entre o *ónoma* e o *logos* no diálogo *Crátilo* de Platão. Buscando esse objetivo, o artigo apresenta uma pequena síntese do panorama dos estudos da linguagem antes do *Crátilo* e da estrutura e das discussões internas contidas no *Crátilo*. Nesse diálogo, Platão demonstra que o *ónoma* não é independente. Ele não tem vida própria. Ele depende do *logos*. O *logos* é o responsável pela existência do *ónoma*. Por isso, é preciso haver um princípio que determine a verdade do *logos*, pois, se o *logos* for falso, o *ónoma* também será e, com isso, haverá a impossibilidade de se estabelecer o conhecimento e a possibilidade do ser humano conhecer a realidade. Por fim, afirma-se que nessa discussão Platão tenta demonstrar os limites do *ónoma* e a necessidade de buscar fora do próprio *ónoma* um mecanismo teórico que conseguisse dar sustentação ao *logos*, ao conhecimento e até mesmo à realidade.

**Palavras Chave:** Platão. *Crátilo*. *Ónoma*. *Logos*.

**Abstract:** This article has like goal to present and analyze the relationship between *ónoma* and *logos* in the *Cratylus* of Plato. In order to achieve this goal this study presents a synthesis of the scenery of the language studies before *Cratylus*. In this dialogue Plato shows that *ónoma* is not independent. It does not have life in itself. It depends of *logos*. The *logos* is responsible for the existence of *ónoma*. For this reason, it is necessary a principle that determine the truth of the *logos*, because if the *logos* is false the *ónoma* will be too.

**Keywords:** Plato. *Cratylus*. *Ónoma*. *Logos*.

“comporemos o *logos* por meio do *ónoma*”  
(Platão, *Crátilo*, 425a; *Teeteto* 205a).

### 1. Introdução

Dentro da tradição ocidental e especialmente na transmissão filosófico-linguística do diálogo *Crátilo*, escrito no século V a. C, este é apresentado como sendo o primeiro momento em que a linguagem é posta como objeto de um estudo sistemático e também um diálogo fundante e fundamental sobre as diversas questões que envolvem a relação interdisciplinar entre Filosofia e Linguagem. Há uma série de estudiosos e comentadores do *corpus* platônico que ratificam a afirmação de que o *Crátilo* é o primeiro momento no Ocidente em que a linguagem é posta como objeto de estudo sistemático. Entre estes, podemos citar: Deus (2002, p. 14), Dias (1994, p. CVIII), Dietzsch (2007, p. 49), Gadamer (2005, p. 525), Lorenz; Mittelstrass (1967, p. 489), Macedo (1998, p. 48), Mesquita (2006, p. 140), Oliveira (2001, p. 17), Othero; Brauner (2006, p. 127), Paviani (1993, p. 11), Pereira (2008, p. 6), Ribeiro (2006, p. 40), Santos (2002, p. 20), Santos (2003, p. 104), Spellman (1993, p. 197), Havelock (1996, p. 52) e Hillesbim (2001, p. 245).

De acordo com Piqué (1996, p. 171), o *Crátilo* foi uma das “obras de Platão que mais ocasionou comentários, especialmente na segunda metade do século XX”. Grande parte do interesse por esse diálogo se deve ao giro linguístico. Este giro conduziu, de forma mais ampla, os estudiosos da linguagem e, de forma mais específica, aos comentadores do *corpus* platônico, a estudarem esse diálogo como sendo um “esboço de uma filosofia da linguagem” (PAVIANI, 1993, p. 19). Não é a intenção dessa pesquisa realizar uma discussão sobre o giro linguístico ocorrido no século XX (RORTY, 1990). Apesar disso, é preciso deixar claro que esse giro constitui-se no fato da linguagem ter se transformado no centro das preocupações

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia, com pós-doutorado em estudos da linguagem pela Feusp, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ivanaldosantos@yahoo.com.br.

investigativas no Ocidente. Com relação a isso, Ricoeur afirma: “parece-me que há um domínio sobre o qual se entrelaçam, hoje em dia, todas as pesquisas [...]: o da linguagem” (1977, p. 15).

O *Crátilo* influenciou pesquisadores antigos (como Aristóteles), medievais e contemporâneos. Com relação à influência do *Crátilo* no pensamento de Aristóteles, Jaime Araos San Martin afirma que “há uma semelhança manifesta entre o vocabulário do *Crátilo* e a empreitada de Aristóteles no *Da Interpretação* (1-4), onde expõe suas teses fundamentais acerca da linguagem” (MARTIN, 1990, p. 129). Já Franco Lo Piparo ressalta que a “reflexão filosófico-linguística de Aristóteles inicia-se onde finaliza o *Crátilo*. A noção metalinguística de *orthótes* [nome/nomeado], que rege o imperativo argumentativo desse diálogo, é abandonada e substituída por outra, a de *symbolon* [símbolo]” (LO PIPARO, 2005, p. 211-212).

Ainda sobre a influência do *Crátilo* no pensamento de Aristóteles, Fausto dos Santos endossa:

Pelo menos enquanto se refere às questões propriamente linguísticas – [...] –, [Aristóteles] parece ter partido das aporias postas pelo diálogo *Crátilo* de Platão, voltando a discutir com os mesmos interlocutores do velho mestre. O que nos leva a suspeitar que as respostas dadas, ou melhor, sugeridas por Platão no referido diálogo, soaram a Aristóteles insatisfatórias, levando-o a retomar a questão em toda a sua radicalidade. (SANTOS, 2002, p. 18).

Aristóteles partiu das discussões e das aporias postas no *Crátilo* para construir seu próprio pensamento sobre a linguagem, o qual se encontra, em grande medida, no *Da interpretação*.

Alguns estudiosos contemporâneos procuraram vislumbrar e até mesmo encontrar no *Crátilo* elementos e discussões que antecederam as teses desenvolvidas por filósofos contemporâneos como, por exemplo, Frege, Russell e Wittgenstein.

Entre esses pesquisadores é possível citar: Valdes (1987), Montenegro (2007b) e Paviani (1993). Para Valdez (1987, p. 103), Platão no *Crátilo* propõe uma teoria proto-descriconista, próxima da análise da linguagem ordinária que foi desenvolvida no século XX. Montenegro (2007b) vê neste diálogo o primeiro rudimento, no Ocidente, da investigação sobre as funções e aplicações da linguagem. Vale salientar que essa investigação foi um dos centros filosóficos do século XX, principalmente pela filosofia analítica em suas diversas correntes ou matrizes. Já Jayme Paviani afirma que “embora Platão não tenha clareza sobre a questão da significação, o problema da correção natural ou convencional lembra em partes as investigações contemporâneas de Wittgenstein, especialmente quanto à importância do uso na concepção da linguagem como jogo-de-linguagem” (PAVIANI, 1993, p. 30-31).

Como se pode ver, o *Crátilo* é um texto que influenciou e continua a influenciar a pesquisa na filosofia da linguagem. Estudar e tentar compreender esse diálogo é necessário para haver percepção, mesmo que parcial, sobre as diversas discussões e correntes de pensamento na árdua tarefa de investigar a linguagem. O *Crátilo* é um diálogo complexo, com muitos debates internos. Limitamo-nos aqui a apresentar e analisar a relação entre o *ónoma* e o *logos* nesse diálogo.

## 2. A pesquisa sobre a linguagem antes do *Crátilo*

Há poucas dúvidas sobre o fato da pesquisa filosófica sobre a linguagem ter surgido na Grécia antiga. Para Jaime Araos San Martin, as discussões em torno da linguagem se iniciaram entre os gregos, especialmente com os “textos dos pré-

socráticos, o *Crátilo* de Platão, os primeiros capítulos do *Da Interpretação* de Aristóteles e, mais tardiamente, com os diversos escritos dos pensadores estoicos” (MARTIN, 1990, p. 128). Grande parte dos estudos linguísticos posteriores foi, de alguma forma, uma reformulação da pesquisa realizada pelos gregos. Sobre essa questão Filomena Vasconcelos afirma:

Sem negar os rumos mais recentes das teorias da linguagem, da semântica e da semiótica em geral, bem como das atuais teorias da comunicação, pode dizer que todo o pensamento da linguagem que chega até aos nossos dias remonta, nos seus princípios fundamentais, à filosofia grega antiga, pois foram os modelos gregos de conceitualização e classificação da linguagem que, ao longo dos tempos e segundo as idiossincrasias dos povos, serviram de base a posteriores reelaborações. (VASCONCELOS, 2004, p. 1).

Todavia, existe toda uma tradição no Ocidente que aponta o *Crátilo* como sendo o primeiro momento em que a linguagem é posta como objeto de estudo. Entretanto, como observa Kristeva (1983, p. 126-128), antes do *Crátilo*, havia uma rica discussão entre os gregos sobre a linguagem, principalmente em três escolas de pensamento, sendo elas: os filósofos Milesianos, os pré-socráticos e os sofistas.

Os filósofos Milesianos (Tales, Anaximandro Anaxímenes e outros), no século VI a. C., se organizaram em torno da escola de Mileto, antiga cidade da Jônia. Sua investigação centrava-se na preocupação de isolar a matéria original de onde teriam sido originadas todas as coisas. Apesar de sua investigação não tratar diretamente sobre a linguagem, estes filósofos lançaram as bases das futuras discussões realizadas pelos gregos sobre a mesma.

Os pré-socráticos como, por exemplo, Heráclito e Parmênides, desenvolveram pesquisas sobre a natureza do ser. Essas pesquisas continham, em germe, as proposições sobre a linguagem que posteriormente seriam motivo de debates por outros pensadores gregos como Platão e Aristóteles.

Já os sofistas, por serem professores de retórica, tinham a linguagem, de um lado, como ferramenta de trabalho e, de outro lado, realizaram importantes reflexões sobre a mesma. Entre essas reflexões cita-se: a natureza convencional da linguagem e o fato do ser humano ser uma espécie que se comunica e que vive essencialmente na e pela linguagem.

É preciso observar que hipoteticamente o *Crátilo* não foi o primeiro texto publicado sobre a linguagem. Antes dele, possivelmente houve outros textos que tratavam desse tema. Entre esses textos possivelmente anteriores ao *Crátilo* estão um tratado perdido sobre a retórica (*tecchné rhetoriké*) de Tísias e Córax (apud REBOUL, 1998, p. 2) que, provavelmente, era uma coletânea de preceitos práticos de como organizar e utilizar a arte de discursar e uma obra escrita por Protágoras, chamada *Antilogias*, na qual ele ensinaria uma técnica da contradição (*téchne antilogiké*), a qual teria se tornado o fundamento e um dos gêneros mais importantes da retórica sofística (apud KERFERD, 2003, p. 145). Todavia, essa é uma obra perdida. Ela mostraria como debater ambos os lados de uma questão com igual sucesso. Nela estaria contida a sentença que tornou Protágoras famoso, ou seja, para qualquer assunto é possível defender dois discursos opostos ou como ressalta o historiador Diógenes Laértios (IX, 51): “em torno de cada questão existem dois discursos opostos reciprocamente”.

É justamente por haver a possibilidade de outros textos terem sido publicados antes do *Crátilo* que Manfredo Araújo de Oliveira afirma que este diálogo é o “escrito mais tardio

que a Tradição nos legou em nossa cultura ocidental como reflexão sobre a linguagem” (OLIVEIRA, 2001, p. 17).

Se de fato havia obras sobre a linguagem e que circulavam nos meios intelectuais gregos no século V a. C., então o *Crátilo* não foi a primeira a oficialmente tratar sobre a linguagem. Entretanto, a verdade é que existem, dessas obras, apenas pequenos fragmentos e citações realizadas por historiadores e doxógrafos como, por exemplo, Diógenes Laértios. Sendo assim, o *Crátilo* emerge na cultura ocidental como sendo a primeira obra filosófica a realizar um estudo sistemático sobre a linguagem. Ou seja, oficialmente o *Crátilo* é o primeiro “tratado sobre a linguagem” (OLIVEIRA, 2001, p. 21; VALDES, 1987, p. 97) no Ocidente.

Todavia, não se deve pensar que Platão redigiu o *Crátilo* de forma isolada, ou seja, que ele não teve contato com nenhum pensador ou expressão cultural. A julgar pelos diversos debates internos que existem dentro do diálogo como, por exemplo, o debate entre Platão com os sofistas; com o heraclitismo; o líder da Academia estava bastante informado e inserido dentro dos debates sobre a linguagem que eram travados no século V a. C. Em grande medida é possível, por meio da leitura e interpretação do *Crátilo*, reconstruir, mesmo que de forma limitada, os debates travados pelas correntes linguísticas desse momento histórico.

### 3. O diálogo *Crátilo*

O *Crátilo* é um diálogo muito complexo, com várias discussões e problemas internos. Para José G. Trindade Santos “são de múltipla natureza os problemas postos pelo *Crátilo*” (SANTOS, 2001, p. 9). Sobre as várias discussões que perpassam este diálogo Jayme Paviani ressalta que há a “relação nome-conhecimento-coisa que se desdobra em outros níveis: proposição-verdade-mentira, nome-desejo, nome-instrumento de informação-distinção-comunicação, etc” (PAVIANI, 1993, p. 12). Além disso, encontra-se no *Crátilo* a crítica de Platão à perspectiva linguística dos sofistas e do heraclitismo representado pelo personagem Crátilo, o debate em torno do problema da nomeação, do conhecimento, da dialética e outros<sup>2</sup>.

Apesar de já terem se passado mais de 2.500 anos de sua aparição existe uma grande variedade de questões que ainda não foram resolvidas totalmente. Como uma pequena amostra da variedade dessas questões, apresentar-se-á seis exemplos.

O primeiro é o da data, sobre a qual pairam muitas dúvidas. Apenas para se ter uma demonstração desse problema: José G. Trindade Santos, no artigo *O Crátilo e a filosofia platônica da linguagem em Análise* (Lisboa, n 7, 1987, p. 15-48), afirma que segundo as 132 cronologias dos diálogos platônicos, compreendidas entre 1792 e 1981, citadas por H. Thestleff, 28 comentadores situam o *Crátilo* no primeiro período do desenvolvimento da filosofia de Platão, 33 no segundo, 9 no terceiro, 7 entre o primeiro e o segundo, 7 entre o segundo e o terceiro e 3 não o incluem em nenhuma classificação, sendo que ainda 42 não assumem uma posição definitiva. Santos (1987, p. 15) se refere a estas dificuldades mostrando que está em jogo, nas tentativas de

---

<sup>2</sup> Atualmente muitos estudiosos investigam a obra de Platão, incluindo o *Crátilo*, por meio da chamada Doutrina Esotérica ou Não-Escrita, ou seja, o conjunto das ideias que Platão defendeu e das discussões realizadas na Academia, mas que não compõem os textos escritos. Os principais testemunhos da existência dessa doutrina devem-se: [...] “a Aristóteles, (sobretudo na *Metafísica*, particularmente os livros I, XIII e XIV), aos acadêmicos contemporâneos dele (como Hermodoro) e a seus discípulos comentadores (Teofrasto, Aristóxeno, Alexandre de Afrodísia, Simplicio), bem como ao filósofo neocético Sexto Empírico” (TRABATTONI, 2003, p. 71). Sobre essa doutrina Carlos Cirne-Lima afirma: “É, por ela [da Doutrina Não-Escrita] que se entende o que os diálogos [platônicos] insinuam, mas não dizem com clareza, é dela que deriva toda tradição neoplatônica: o processo triádico e a ideia da evolução universal” (CIRNE-LIMA, 1996, p. 82-83). Com relação a essa doutrina, consulte-se Reale (1997). Na presente pesquisa sobre o *Crátilo*, não serão utilizados elementos ou discussões da Doutrina Esotérica ou Não-Escrita. Serão utilizadas apenas as discussões presentes nos textos escritos de Platão.

determinação da data de composição do diálogo, o critério usado, ou seja, os que o colocam no primeiro período destacam o elemento socrático no estilo da argumentação, os que o situam no segundo período evocam o envolvimento da Teoria das Formas, e, finalmente, os que tendem vê-lo como um diálogo do terceiro período optam pelo aspecto problemático e crítico da argumentação.

Ainda sobre o problema da datação do *Crátilo*, comparando-o com outros diálogos, Jayme Paviani afirma que o “diálogo *Crátilo* parece vir depois de *Eutidemos* e estar próximo a *Parmênides* e *Teeteto*. Assim, provavelmente, foi elaborado entre 380 e 367 a. C.” (PAVIANI, 1993, p. 16). Relacionando-o também com outros diálogos platônicos, Fausto dos Santos afirma que o *Crátilo* é um “diálogo anterior, ainda que próximo, a *República*” (SANTOS, 2008, p. 182-183). Já Werner Jaeger aponta a correspondência parcial dos nomes para qualidades da mente no *Crátilo* (411d4-412b8) – *phrónesis*, *gnóme*, *nóesis*, *sophrosýne*, *epistéme*, *sýnesis*, *sophia* – com aqueles que ocorrem em um diálogo bastante tardio, ou seja, *Filebo* (19d4-5). Nesse diálogo, encontram-se os termos: *noûs*, *epistéme*, *sýnesis* e *tékhnē*. Portanto, Werner Jaeger tende a aproximar o *Crátilo* do *Filebo* (apud ROSS, 1971, p. 4-5). Para Fausto dos Santos (2002, p. 21) o *Crátilo* é um “diálogo de difícil datação”. Já para Ross a “questão [da datação do *Crátilo*] permanece aberta” (1971, p. 5).

O segundo exemplo é a divisão interna do *Crátilo*. Não há entre os comentadores uma unanimidade sobre se esse diálogo é dividido em duas ou em três partes. Com relação à primeira possibilidade, ou seja, o diálogo ser dividido em duas partes afirma-se que a primeira, a mais longa, é o debate entre Sócrates e Hermógenes (*Crátilo*, 383-428) e a segunda, entre Sócrates e Crátilo (*Crátilo*, 428-440). Entre os comentadores que apóiam essa divisão, cita-se: Paviani (1993, p. 17), Hillesbeim (2001, p. 248), Piqué (1996, p. 171), Dietzsch (2007, p. 48), Othero e Brauner (2006, p. 129), Mesquita (2006, p. 150), Spellman (1993, p. 197), Martin (1990, p. 128) e Casertano (2005, p. 124). Com relação à possibilidade de ele ser dividido em três partes afirma-se que a primeira parte é o debate entre Sócrates e Hermógenes (*Crátilo*, 383-428), a segunda são as etimologias (*Crátilo*, 387d-427a) e a terceira o debate entre Sócrates e Crátilo (*Crátilo*, 428-440). Entre os comentadores que apóiam essa divisão, cita-se: Ribeiro (2006, p. 38), Valdes (1987, p. 102) e Montenegro (2007a).

O terceiro exemplo é a questão da fala dos personagens. O *Crátilo* possui três personagens: Sócrates, Hermógenes e Crátilo. Sócrates é o famoso mestre de Platão; Hermógenes é um discípulo de Sócrates, membro do círculo socrático menor<sup>3</sup>, inclusive ele é citado no *Fedon* (59b) como um dos presentes no momento em que Sócrates proferiu seu último discurso antes de tomar veneno. Já Crátilo é um discípulo exaltado de Heráclito que foi mestre de Platão quando este era jovem. Existem dois sérios problemas envolvendo a questão dos personagens. O primeiro é a figura de Sócrates. De um lado, o Sócrates que emerge do *Crátilo* é diferente do Sócrates da fase dos diálogos aporéticos (*Lísis*, *Cármides*, *Laques* e *Eutifrom*) e da *Apologia de Sócrates*. É um Sócrates que não investiga algum tipo de virtude e que emite várias opiniões, algo que contraria a dialética socrática. Parece que o *Crátilo* apresenta outro Sócrates diferente do Sócrates histórico. Sobre essa questão Palmeira Dias afirma:

---

<sup>3</sup> Como observa Giovanni Reale “nenhuma filósofo, antes ou depois de Sócrates, teve a ventura de ter tantos discípulos imediatos e de tal riqueza e variedade de orientações, como foram aqueles que se formam sob o seu magistério” (REALE, 1993, p. 329). Historicamente dividem-se os discípulos de Sócrates em dois grandes círculos. Há o círculo socrático maior composto pelos discípulos de Sócrates que criaram as escolas socráticas, ou seja, escolas filosóficas que sofreram influência direta do pensamento de Sócrates. Entre estes discípulos estão Xenofonte, Ésquines, Antístenes, Aristipo, Euclides, Fédon e o maior e mais criativo dos discípulos, ou seja, Platão. Por sua vez, existe o círculo socrático menor. Este círculo era formado pelos discípulos de Sócrates que não conseguiram criar suas próprias escolas de pensamento.

Outros diálogos há, certamente, em que Sócrates dá provas de uma perspicácia idêntica, mas talvez nenhum, em que se mostre tão jovial e espirituoso, como no *Crátilo*. Todavia, se a sua personalidade permanece a mesma, o assunto é novo pra ele; nunca pensou em etimologias ou na filosofia da linguagem, nem na Teoria das Formas. Aqui já é Platão quem fala pela sua boa. (DIAS, 1994, p. LXIX).

O Sócrates do *Crátilo* já é o Sócrates platônico ou platonizado. Há uma série de comentadores do *corpus* platônico que ratificam a proposição que afirma que no *Crátilo* é Platão quem fala por meio de Sócrates. Neste sentido, Sócrates é o porta-voz de Platão neste diálogo. Por isso, fala-se em um Sócrates platônico ou platonizado presente no *Crátilo*. Entre estes estudiosos e comentadores estão: Dietzsch (2007, p. 48), Hillesbeim (2001, p. 253), Piqué (1996, p. 187).

Entretanto, é bom frisar que não se sabe se a linguagem era um tema discutido no círculo socrático frequentado por Platão ou se ela é uma temática que aparece apenas na Academia. Sócrates debatia sobre a linguagem? Ou esse debate é genuinamente platônico? Essas são questões em aberto.

O segundo problema é a própria dinâmica interna do diálogo. O *Crátilo* é o diálogo mais cômico e irônico de Platão. Parece que ele se diverte ao escrever e encenar esse diálogo. Entretanto, até que ponto Platão está apresentando a seu público as ideias de Hermógenes e Crátilo? Hermógenes, o discípulo de Sócrates, alguma vez ao longo de sua vida abordou o tema da linguagem? Ou ele é apenas um personagem que *empresta* o nome para Platão construir o diálogo? E o discípulo de Heráclito, ou seja, Crátilo, na vida real era tão extremado como Platão o apresenta? Ou é apenas uma caricatura alegórica e cômica que Platão realiza do seu ex-mestre? O *Crátilo* é um puro teatro cômico, no qual Platão é o dramaturgo e o diretor? Ou é um diálogo que espelha o contexto das discussões filosóficas sobre a linguagem no século V a. C.?

O quarto exemplo é a possibilidade de existir no *Crátilo* uma teoria da significação, uma discussão em torno da relação signo e significado, aplicada ao objeto. Essa discussão é outro ponto em que os comentadores não chegam a um consenso. Jayme Paviani ressalta que “falta [no *Crátilo*] fundamentalmente uma teoria da significação” (PAVIANI, 1993, p. 14). Já Margarida M. Valdes afirma que “poderíamos dizer que o tema abordado no *Crátilo* é a significação linguística em geral. Neste sentido, podemos considerá-lo como um dos primeiros tratados de semântica da história da filosofia” (VALDES, 1987, p. 97). Quem está certo, Paviani ou Vades? Há ou não no *Crátilo* uma teoria da significação?

O quinto é a Teoria das Formas. Há um consenso entre os comentadores do *Crátilo* que este diálogo apresenta a Teoria das Formas. E é justamente sobre as Formas que há um grande debate em torno desse diálogo. O debate gira em torno da seguinte questão: O *Crátilo* é a primeira versão da Teoria das Formas ou é uma aplicação que Platão faz dessa teoria? Em torno dessa pergunta já foram travados grandes debates acadêmicos. No entanto, até o presente momento, não foi apresentada uma resposta definitiva para essa pergunta.

O sexto e último exemplo é a resposta que pode ser dada a seguinte pergunta: a linguagem é o problema central dentro do pensamento de Platão? Essa pergunta é central para os estudos sobre o *Crátilo*. De acordo com a resposta dada a essa pergunta é possível perceber e investigar este diálogo de formas diferentes. Se a resposta for *Não*, então este diálogo torna-se menor e até mesmo dispensável para a compreensão do pensamento platônico. Por causa disso, a linguagem é posta como problema menor dentro do pensamento de Platão. E por isso não necessitando de maiores pesquisas e debates por parte dos comentadores. Se a resposta for *Sim*, então o *Crátilo* torna-se um

diálogo central dentro do *corpus* platônico e, por isso, necessário para a compreensão do pensamento do líder da Academia. Além disso, a linguagem torna-se um dos problemas, os quais os pesquisadores da obra de Platão devem se debruçar.

Com relação à possibilidade da resposta ser *Não*, Souza Filho (1989, p. 7) afirma que a linguagem e o discurso ocupam um lugar secundário no pensamento clássico, incluindo autores canônicos como Platão e Aristóteles. Já Izabela Bocayuva ressalta que a ontologia é o centro do pensamento de Platão e, por conseguinte, todas as demais discussões estão sob sua jurisdição. Em suas palavras: [...] “a justiça, a educação, a política, a linguagem, a liberdade, todas essas realizações da mais alta importância para o pensamento de Platão, encontram-se, pois, subordinadas ao discernimento do ser em sua singularidade, subordinadas, portanto, à ontologia” (BOCAYUVA, 2008, p. 45).

Sobre esse mesmo problema, Meridier (1950) defende a tese de que a linguagem não é um problema central no pensamento de Platão. Seguindo uma posição muito próxima de Meridier, Medeiros (1994, p. 24) ressalta que o foco da pesquisa platônica é a ontologia e outros problemas como, por exemplo, a política e a matemática. Por isso a linguagem é um problema secundário a ser pesquisado por Platão. Já Manfredo Araújo de Oliveira é enfático ao afirmar: “[...] para Platão, a linguagem ficaria reduzida a um mero instrumento para a expressão dos pensamentos, não sendo constitutiva da experiência humana do real” (OLIVEIRA, 2001, p. 22).

Já com relação à possibilidade da resposta da pergunta ser *Sim*, Américo Pereira (2008, p. 2) afirma que no *Crátilo* “encontramos a necessária articulação entre ontologia, gnoseologia e filosofia da linguagem” (PEREIRA, 2008, p. 2) e Valério Hillesheim enfatiza que em “Platão a linguagem possui um caráter metafísico e essencialista” (HILLESHEIM, 2001, p. 246). Já Maria Caroline Alves dos Santos ressalta que Platão “coloca a linguagem no centro de uma especulação rigorosa” (SANTOS, 2003, p. 103).

Além dessas duas possibilidades, é possível vislumbrar uma terceira, ou seja, um meio termo entre o *Sim* e o *Não*. Nesta terceira possibilidade a linguagem não é um tema desprezado por Platão, mas também não é o centro das suas investigações filosóficas. Sobre essa terceira possibilidade Antônio Mesquita afirma que o “*Crátilo* é uma articulação entre os objetos e as Formas. Sendo assim, a linguagem emerge como sendo um instrumento pedagógico para que por meio das palavras e dos objetos o ser humano possa (re)conhecer as Formas” (MESQUITA, 2006, p. 156). Já para Jayme Paviani (1993, p. 19) neste diálogo “pode-se procurar, seguindo as tendências da época, um esboço de uma filosofia da linguagem ou uma parte de uma filosofia, na qual, a linguagem é um elemento filosófico ao lado de outros” (PAVIANI, 1993, p. 19) como, por exemplo, o problema do conhecimento e a Teorias das Formas.

Por tudo que foi citado anteriormente, é possível perceber que realizar um estudo exaustivo do *Crátilo* é praticamente impossível. Sendo assim, realiza-se um corte metodológico limitador dentro desse complexo diálogo, ou seja, será estudada a relação entre o *ónoma* e o *logos* no diálogo *Crátilo* de Platão.

#### **4. A relação entre o *ónoma* e o *logos* no *Crátilo***

Inicialmente é preciso esclarecer, juntamente com Néstor-Luis Cordero, a impossibilidade de traduzir plenamente o vocábulo grego *ónoma* para uma língua moderna, incluindo o português. E é que esse vocábulo pode ser traduzido, entre outros, por “termo, palavra, nome e ainda nome próprio” (CORDERO, 2005, p. 18). Essa mesma impossibilidade encontra-se na tentativa de traduzir o vocábulo *logos*, que pode ser traduzido por discurso, pensamento e racionalidade. Por essa

impossibilidade é possível vislumbrar a complexidade existente na tentativa de discutir a relação entre o *ónoma* e o *logos* no *Crátilo*. É por causa desse problema que se optou em não traduzir para o português esses dois vocábulos gregos.

Existe entre os estudiosos e comentadores do *Crátilo* uma polêmica sobre com quem Platão realmente debate no *Crátilo* e, por conseguinte, sobre a relação entre o *ónoma* e o *logos*.

Vejamos uma pequena síntese dessa polêmica.

Na perspectiva de Néstor-Luis Cordero, o personagem Crátilo do diálogo homônimo de Platão é o “porta-voz de Antístenes” (CORDERO, 2005, p. 19). Essa perspectiva não é uma exclusividade de Cordero. Estudiosos como, por exemplo, Rabuske (1994, p. 15) e Hillesbeim (2001, p. 247) adotam uma posição semelhante.

Levando em conta que Antístenes foi, juntamente com Platão, um dos discípulos próximos de Sócrates e membro do círculo socrático maior, tendo, por conseguinte, criado sua própria escola de pensamento, o que abre duas sérias possibilidades: 1) Uma discórdia entre os discípulos de Sócrates, ou seja, Platão e Antístenes. Essa discórdia seria sobre a real interpretação das ideias de Sócrates ou sobre as aplicações dessas ideias. 2) Um debate entre escolas de pensamento diferentes, a escola de Platão e a de Antístenes. Esse debate teria como tema central a linguagem.

É preciso observar que Antístenes não é citado uma única vez em todo o *Crátilo*. Entretanto, esse fato não acrescenta quase nada a discussão. E é que no *Crátilo* Platão dialoga com várias perspectivas diferentes sobre a linguagem. E na maioria das vezes os interlocutores não são citados diretamente e oficialmente, como pode ser o caso de Antístenes.

O fato concreto é que os estudiosos do século XXI do *Crátilo* estão muito longe – do ponto de vista temporal – do contexto histórico-cultural da Atenas do século V a. C. e também das discussões travadas dentro da Academia. Platão não precisou citar diretamente e oficialmente todos os nomes dos seus interlocutores. E o motivo disso é que ele e os seus discípulos estavam em um ambiente de discussões filosóficas comuns. Ambiente que envolvia outras escolas de pensamento. Platão não escreveu para o século XXI. Pelo contrário, ele escreveu para o século V a. C.

Com quem Platão debate? Quem realmente o personagem Crátilo representa? Essas são perguntas em aberto. Até o presente momento, os estudiosos e comentadores do *Crátilo* não chegaram a um consenso. Há quem afirma que esse debate é travado entre Platão e Antístenes. Outros afirmam que o debate ao invés de ser travado diretamente com Antístenes é travado com os seus discípulos, ou seja, os antístenos. Por sua vez, outros afirmam que o debate é travado com Heráclito. E há ainda outros que dizem tratar-se de uma discussão entre Platão e os discípulos de Heráclito, ou seja, os heraclitianos. Como se pode ver por esse amplo leque de possibilidades, a questão é complexa e até o presente momento de difícil solução.

Independentemente de quem é o verdadeiro interlocutor de Platão no debate sobre a relação entre o *ónoma* e o *logos* o fato é que no *Crátilo* o “*ónoma* é parte do *logos*” (CORDERO, 2005, p. 23), ou seja, o *ónoma* não é independente. Ele não tem vida própria. Ele depende do *logos*. O *logos* é o responsável pela existência do *ónoma*. É nesta perspectiva que é possível compreender a seguinte frase do *Crátilo* (425a): “[...] comporemos o *logos* por meio do *ónoma*”. Sem o *logos* não existe o *ónoma*. O *ónoma* necessita do *logos* para existir.

Dentro dessa discussão, é provável que Platão esteja preocupado em demonstrar que não é possível falar sobre algo que não existe. Só se pode falar de alguma coisa que existe. O não existente, o não-ser, não pode ser pronunciado. Por causa disso é possível vislumbrar um debate entre Platão e Antístenes, pois, segundo a



tradição, Antístenes defendia uma posição filosófica, segundo a qual seria possível falar sobre o que não existe, sobre o não-ser.

No *Crátilo* (424c-425a) Platão apresenta a “linguagem como um sistema de complexidade crescente” (MACEDO, 2008, p. 51), ou seja, um sistema que parte dos sons elementares até a palavra, da palavra até a frase e da frase ao discurso. Neste sentido, Platão faz o percurso do *ónoma* até o *logos*.

Este percurso apresenta duas importantes questões. A primeira é a atualidade da discussão travada por Platão no *Crátilo*. É incrível como ele conseguiu, dentro das limitações do século V a. C., atingir um grau de maturidade sobre a temática da linguagem que só seria atingida no século XX com o advento do giro linguístico. A segunda é um problema que o próprio Platão coloca, ou seja, a determinação da verdade do *logos*. Se o *logos* é falso, então o *ónoma* e, por conseguinte, toda a linguagem serão falsos. É por isso que indiretamente ele pergunta: se o *ónoma* depende do *logos*, como então determinar a veracidade do *logos*?

De acordo com Giovanni Casertano a “discussão sobre o *ónoma* é inter-relacionada com a verdade” (CASERTANO, 2005, p. 126). Na perspectiva de Platão o *ónoma* (termo, palavra, nome, nome próprio, etc) pode ser falso ou verdadeiro. É possível, por exemplo, ter uma palavra ou frase que seja falsa ou verdadeira. Platão apresenta dois grandes critérios para determinar a verdade ou a falsidade do *ónoma*: 1) Os valores sócio-culturais; 2) As regras da semântica. Por meio desses critérios é possível saber se um *ónoma* é verdadeiro ou falso.

Para Platão, o problema não é como chegar à verdade do *ónoma* – já que os valores sócio-culturais e as regras da semântica determinarão essa questão –, mas como estabelecer a verdade do *logos*. E este problema só pode ser posto porque é do *logos* que depende a existência do *ónoma*. O *ónoma* pode ser falso ou verdadeiro, mas o *logos* só pode ser verdadeiro. Se por acaso o *logos* for falso, então a mera possibilidade do *ónoma* existir é descartada. É por causa disso que o *logos* obrigatoriamente tem que ser sempre “segundo a verdade” (*Crátilo*, 383a).

No momento em que o *logos* for falso além do *ónoma* ser, por conseguinte, falso, também existe outro nível de falsificação. Esse outro nível é o conhecimento. Para Platão, só é possível a construção do conhecimento diante de um *logos* que seja verdadeiro. Um *logos* falso não produzirá conhecimento, mas apenas opinião (*dóxa*). Neste sentido, é possível afirmar que o *ónoma* está relacionado à opinião e que o *logos* está relacionado com o conhecimento. É por esse motivo que Macedo (1998, p. 47) afirma que o *Crátilo* é um diálogo que tem por meta central discutir o estatuto do conhecimento. Toda a discussão que existe neste diálogo sobre a linguagem tem como meta apontar a necessidade de fundamentar o conhecimento.

Além da questão de fundamentar o conhecimento, há outro problema que emerge fruto da necessidade de determinar a veracidade do *logos*. Trata-se do problema da dimensão ontológica da realidade. Se o *logos* for falso então o ser humano nada sabe e nada pode dizer sobre a realidade. A consequência disso é que a realidade ficará eternamente fechada em si mesma e o homem estará condenado a nunca conhecê-la. Entretanto, se o *logos* for verdadeiro, então se abre a possibilidade – uma espécie de janela – do homem conhecer a realidade e, com isso, poder decifrá-la.

Platão está diante de um grande problema. De certa forma é fácil determinar a veracidade ou falsidade do *ónoma*, mas como determinar a veracidade do *logos*. Justamente o *logos* que, de forma mais imediata, é o fundamento do *ónoma* e, de forma mais radical, é o fundamento do conhecimento e a possibilidade do ser humano conhecer a realidade?

A solução que Platão esboça no *Crátilo* (432d, 438c) para resolver esse problema é a Teoria das Formas. As Formas – que estão no mundo suprassensível – seriam o fundamento e, por conseguinte, a condição de verdade do *logos*. O *logos* sempre é verdadeiro porque, de um lado, é uma cópia das Formas e como as Formas são perfeitas o *logos* sempre é verdadeiro. Neste sentido existe uma relação tautológica entre o *logos* e as Formas. Do outro lado, o *logos* recebe das mesmas a condição ontológica de fundamentar o *ónoma*. No *Teeteto* (202b) Platão aponta para a existência de um elemento superior que dá sustentação a linguagem: as Formas.

Todavia, não se deve pensar que a Teoria das Formas seja a solução definitiva para todos os problemas filosóficos e linguísticos que Platão enfrentou ao longo de sua vasta obra. As Formas surgem no *Crátilo* como solução – não se sabe se provisória ou definitiva – para o problema da determinação da veracidade do *logos* e, com isso, possibilitando a fundamentação do *ónoma*, do conhecimento e até mesmo da realidade.

Entretanto, como salienta José G. Trindade Santos, as “Formas terminaram trazendo [para dentro dos diálogos platônicos] uma cadeia de delicados problemas” (SANTOS, 2007, p. 535). Esses problemas foram aparecendo de maneiras diferentes ao longo dos diálogos platônicos. Nestes diálogos, as Formas ora são apresentadas como sujeitos, ora como predicados perfeitos. Além disso, há o problema da determinação do que realmente sejam as Formas. O que realmente as Formas são? Elas são predicados universais ou são sujeitos particulares, com uma individualidade? Elas são entes abstratos puramente separados das coisas? Ou são entes abstratos que possuem algum tipo de ligação com as coisas? Elas são qualidades das coisas? Ou são modelos perfeitos das coisas? Essas perguntas são uma pequena demonstração do grau de problematidade que as Formas trouxeram para dentro dos diálogos de Platão. Sem perceber, Platão ao resolver – ou tentar resolver – o problema da veracidade do *logos* terminou introduzindo em sua obra um problema muito maior, ou seja, as Formas. Problema esse que consumiu quase toda sua obra filosófica.

Por fim, duas observações. Primeira, a discussão travada no *Crátilo* sobre a relação entre o *ónoma* e o *logos* é uma pequena amostra da genialidade do líder da Academia. Nessa discussão, Platão tenta demonstrar os limites do *ónoma* e a necessidade de buscar fora do próprio *ónoma* um mecanismo teórico que conseguisse dar sustentação ao *logos*, ao conhecimento e até mesmo a realidade. Segundo, em hipótese alguma, essa discussão é menor ou superada. Com essa discussão, Platão termina demonstrando tanto a complexidade como também os limites da linguagem. E é preciso ter consciência que a filosofia produzida no século XX, com o giro linguístico, explorou de forma radical a problemática, apresentada por Platão, da linguagem.

## Referências

- BOCAYUVA, Izabela. A ontologia como horizonte privilegiado do pensamento de Platão. In: **Revista Archaí**, Brasília, n. 1, jul 2008, p. 43-50.
- CASERTANO, Giovanni. Discorso, verità e imagine nel *Cratilo*. In: CASERTANO, Giovanni (Org.). **Il Cratilo di Platone: struttura e problematiche**. 1ª ed. Napoli: Loffredo Editore, 2005, v. 1, p. 124-139.
- CIRNE-LIMA, Carlos. **Dialética para principiantes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- CORDERO, Néstor-Luis. Platone non dice che l'*onoma* può essere vero o falso (*Crat.* 385 c-d). In: CASERTANO, Giovanni (Org.). **Il Cratilo di Platone: struttura e problematiche**. 1ª ed. Napoli: Loffredo Editore, 2005, v. 1, p. 19-26.

- DEUS, Denise Carla. A linguagem do ponto de vista platônico. In: **Metanoia**, São João Del-Rei, n. 4, p. 13-19, jul. 2002.
- DIAS, Palmeira. Introdução ao *Crátilo*. In: PLATÃO. **Crátilo**. Tradução Palmeira Dias. Lisboa: Livraria Sá Costa, 1994.
- DIETZSCH, Mary Julia Martins. Crátilo e a origem dos nomes. In: **Revista Internacional d'Humanitats 12**, CEMOROC-Feusp / Núcleo Humanidades-ESDC / Univ. Autônoma de Barcelona, p. 47-60, 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. Linguagem e logos. In: **Verdade e método I**. 7 ed. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Tradução Ordep José Serra. São Paulo: UNESP, 1996. (Col. Biblioteca Básica).
- HILLESHEIM, Valério. A filosofia da linguagem em Platão. In: **Sofia**, ano VII, n 7, 2001/1, p. 245-258.
- KERFERD, G. B. **O movimento sofista**. São Paulo Loyola, 2003.
- KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Tradução Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LAÉRTIOS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: UNB, 1988.
- LO PIPARO, Franco. Platone e Aristotele sui nomi: dall' *orthotes* al *symbolon*. In: CASERTANO, Giovanni. (Org.). **Il Cratilo di Platone: struttura e problematice**. 1ª ed. Napoli: Loffredo Editore, 2005, v. 1, p. 201-214.
- LORENZ, K., MITTELSTRASS, J. On rational philosophy of language: The programme in Plato's Cratylus reconsidered. In: **Mind**, vol. LXXVI, n 301, jan, 1967, p. 489-516.
- MACEDO, Dion Davi. Platão e Crátilo: do *ónoma* ao *logos*. In: **Letras Clássicas**, n. 2, Ano 2, p. 47-56, jan/dez 1998.
- MARTIN, Jaime Araos San. Language, convención y naturaleza en Platón y Aristóteles. In: **Revista de Filosofia**, v. XXXV-XXXVI, México, 1990, p. 127-141.
- MEDEIROS, Paulo Tarso Cabral. Aquém do ser, além do falso (em torno do problema da linguagem em Platão). In: **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 22-33, jan/dez. 1994.
- MERIDIER, L. Notice Du *Cratyle*. In: PLATON. **Ouvres completes**. Tome V. Paris: Les Belles Lettes, 1950.
- MESQUITA, António Pedro. Palavras e coisas no *Crátilo* de Platão. Subsídios para uma teoria platônica da aprendizagem. In: **Varia Antiqua: estudos de filosofia antiga**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.
- MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. Linguagem e conhecimento no *Crátilo* de Platão. In: **Kriterion**, v. 48, n 116, Belo Horizonte, jun/dez 2007a.
- \_\_\_\_\_. Natureza e convenção na linguagem: uma leitura contemporânea do *Crátilo* de Platão. In: MONTENEGRO, M. A. P.; PINHEIRO, C. V. Q.; AZEVEDO, I. L. (Org.). **Natureza e Linguagem na Filosofia**. Fortaleza: Edições UFC, 2007b.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Platão: discussão entre naturalismo e convencionalismo. In: **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2001.
- OTHERO, Gabriel de Ávila; BRAUNER, Gustavo. Revisitando *Crátilo*. In: **Cadernos Seminal Digital**, ano 12, n 6, v. 6 (jul/dez 2006), p. 127-136.
- PAVIANI, Jayme. **Escrita e linguagem em Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. (Coleção Filosofia, 3).

- PEREIRA, Américo. **Da filosofia da linguagem no *Crátilo* de Platão**. Lisboa: Lusofia, 2008.
- PIQUÉ, Jorge Fero. Linguagem e realidade: uma análise do *Crátilo* de Platão. In: **Revista Letras**, n 46, 1996. p. 171-182.
- PLATÃO. **Crátylo o del lenguaje**. Trad., notas e intrd. por V. Bécares Botas. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Obras completas**. 2 ed. Madrid: Aguilar, 1972.
- RABUSKE, Edvino. **Filosofia da linguagem e religião**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. Vol. I. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993. (Série História da Filosofia).
- \_\_\_\_\_. **Para uma nova interpretação de Platão**. São Paulo: Loyola, 1997.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- RIBEIRO, André Antônio. **A filosofia da linguagem em Platão**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.
- RICOEUR, Paul. **Da interpretação**. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- RORTY, Richard. **El giro linguístico**. Madri: Paidos, 1990.
- ROSS, Sir David. **Plato's theory of ideas**. London: Oxford University Press, 1971.
- SANTOS, Fausto dos. *Crátilo*. In: **Platão e a linguagem poética**. Chapecó: Argos, 2008.
- \_\_\_\_\_. Platão e a linguagem – um estudo do *Crátilo*. In: **Filosofia aristotélica da linguagem**. Chapecó: Argos, 2002.
- SANTOS, José G. Trindade. Introdução. In: PLATÃO. **Crátilo**. Tradução Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, v. 1, p. 9-42.
- \_\_\_\_\_. Linguagem e pensamento na filosofia grega clássica. In: **Manuscrito**, UNICAMP, v. 29, 2007, p. 525-550.
- \_\_\_\_\_. O *Crátilo* e a filosofia platônica da linguagem. In: **Análise**, Lisboa, n 7, 1987, p. 15-48.
- SANTOS, Maria Caroline Alves dos. A hipotética linguagem ideal de Platão. In: **Trans/Forma/Ação**, São Paulo, v. 26 (2), p. 93-107, 2003.
- SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. Noûs vs. Logos. In: **O que nos faz pensar**, v. 1, n. 1, 1989, p. 7-14.
- SPELLMAN, E. C. Naming and knowing: the Cratylus on image. In: **History of Philosophy Quarterly**, v. 10, n. 3, july, 1993, p. 197-210.
- TRABATTONI, Franco. Il “cirolo virtuoso” del linguaggio. Sul significato Del *Cratilo* platonico. In: Giovanni Casertano. (Org.). **Il Cratilo di Platone: struttura e problematiche**. 1ª ed. Napoli: Loffredo Editore, 2005, v. 1, p. 150-181.
- \_\_\_\_\_. **Oralidade e escrita em Platão**. Tradução Roberto Bolzani Filho e Fernando Eduardo de Barros Rey. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- VALDES, Margarida M. Dos teorias de la referencia en el Cátilo. In: **Análisis Filosófico**, Buenos Aires, VII, n. 2, 1987, p. 97-112.
- VASCONCELOS, Filomena. Utopia, linguagem e poética no pensamento grego: dos pré-socráticos a Platão. In: **E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia**, Porto, n. 1, 2004, p. 1-7. Disponível em: <http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>. Acessado em 06/06/2008.

Recebido para publicação em 11-10-13; aceito em 12-11-13